

A PENÍNSULA IBÉRICA PRÉ-ROMANA

3
aula

METAS

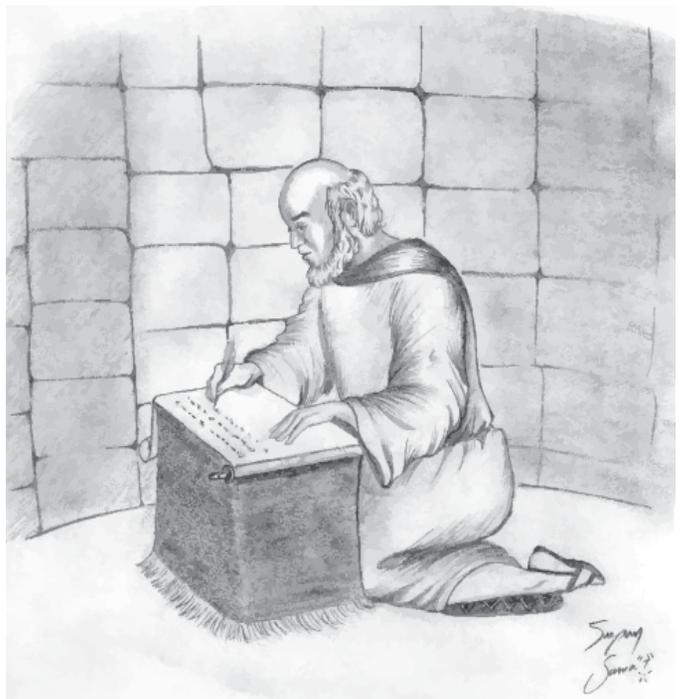
Situar geograficamente a Península Ibérica; apresentar os habitantes do período pré-romano, sua cultura e traços lingüísticos constitutivos do substrato de cujo contato vão ocorrer as transformações do latim neste território.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá analisar o processo migratório de povos antigos em direção ao solo peninsular; descrever a organização social, política e lingüística dos povos que habitaram a Península Ibérica antes do domínio romano; e identificar as contribuições lingüísticas dos povos pré-romanos à toponímia peninsular.

PRÉ-REQUISITOS

Ter em mãos um atlas geográfico; conhecer a constituição das famílias lingüísticas e inclusão do latim na família das línguas indo-européias.



Caro aluno(a), depois de termos estudado alguns conceitos básicos sobre a evolução e mudança lingüística e a constituição das famílias lingüísticas, vamos, nesta aula, conhecer um pouco sobre as contribuições lingüísticas dadas pelos povos pré-romanos à península ibérica.

INTRODUÇÃO

Há cerca de dez mil anos, os vestígios da vida humana, na Península Ibérica, revelam-se mais precisos. As investigações sobre esses indícios culturais e lingüísticos de povos que habitaram a Península antes dos romanos procuram apoiar-se em dados e testemunhos heterogêneos e, às vezes, ambíguos: restos (fósseis) humanos, instrumentos artísticos de tempos remotos, indicações, muitas vezes, imprecisas de autores gregos e romanos, moedas e inscrições em línguas ignoradas e ainda vastas denominações de povos e tribos de diversas origens que circularam pelo território, além de designações geográficas de procedência também variada e de referência mitológica, fantástica, divina. Combinando fatos, notícias e conjecturas, estudiosos, como etnógrafos, historiadores, arqueólogos, filólogos e lingüistas se esforçam por arrancar desses espaços nebulosos as informações mais em conformidade com a realidade histórica da região.

Toponímia

Parte da onomástica que estuda os nomes próprios de lugares.



Em torno do primeiro milênio antes de nossa era, historiadores gregos levantaram a hipótese de uma imigração dos lígures (povos pré-célticos) que se estabeleceram em áreas da Península Hispânica e ali deixaram marcas lingüísticas testemunhadas pela **toponímia** peninsular.

Filólogos e lingüistas atribuem ao povo lígure sufixos como “-asco”, que abundam em denominações geográficas em grande parte do território hispânico. São exemplos: Beasque, Viascón (Pontevedra), Piasca (Santander), Balasc (Lérida), Ludesco (Coruña), Orusco (Madrid), entre outras.

Um outro povo de presença muita antiga na Península Ibérica, notadamente na região dos Pirineus (Nordeste da Espanha atual – parte da Biscaia e da Navarra e no Sudoeste da França), são os **bascos (vascos)**. Há notícias do vocabulário basco, nesta região, a partir do séc. VIII a.C. Sendo uma língua aglutinante, o basco é a única língua da Europa ocidental que não pertence à família indo-européia.

No alvorecer dos tempos históricos, o grande historiador grego Heródoto de Helicarnaso (480-425 a.C., considerado o “pai da história”, observa que, por volta do século VI a.C., povos célticos (refere-se de maneira explícita o nome “celtas”) haviam chegado até Portugal e a Baixa Andaluzia e, nesse espaço, continuavam instalados, fixados.

Por volta do século IV a.C., uma nova imigração celta chega ao litoral leste da Península. Pensadores gregos e latinos como **Eratóstenes, Pompônio Mela e Avieno** (historiador latino que viveu em torno de 400 d.C.) atestam essa nova onda de inva-

IBÉRIA

Bascos (vascos)

Idioma de grande antiguidade e não pertencente à família indo-européia, portanto, pré-indo-europeu. Hoje é falado no Nordeste da Espanha, sobretudo nas regiões pirenaicas.

Eratóstenes

Filósofo, matemático e geógrafo grego, da Escola de Alexandria (276-194 a.C.). Chegou a ser diretor da famosa Biblioteca dessa cidade (Alexandria).

Pompônio Mela

Historiador e geógrafo latino – século I d.C. – contemporâneo do imperador Cláudio e de origem hispânica.

Avieno

Rufo Festo Avieno. Escritor latino da segunda metade do século IV, natural da Etrúria. Escreveu *Ode marítima*, poema onde descreve as costas européias, baseado em viagens que remontam até o século VI a.C.

Celtas

Antiga designação para os habitantes (conjunto da população) da Europa ocidental. Falavam uma língua indo-européia (veja a árvore genealógica apresentada na segunda aula) e eram de índole belicosa (guerreira).

Finisterra

Promotório da Galiza, na província de Carunha, extremidade norte-ocidental da Península Hispânica.

Iberos

Nome dado pelos gregos aos antigos habitantes da Hispânia. De origem ainda desconhecida, os iberos se instalaram na Europa ocidental por volta da era neolítica. Em contato com os celtas, deram origem ao povo celtibero, tal como se achava durante a conquista romana.

Prótese

Acréscimo de um elemento fonético (sílabas ou som) no início de um vocábulo, sem alteração do significado (p.ex., *abagunçar*, de *bagunçar*).

sores **celtas** ao sul do Rio Douro (região de Portugal). Tanto é que a região denominada **Finisterra**, extremidade da Galiza (Galécia), era também conhecida pela expressão latina “promotorium celticum”.

O estudo da toponímia pré-romana completa essa hipótese, pois mostra abundância de nomes e de alguns elementos célticos ainda hoje comuns em toda a Hispânia. Vejamos, por exemplo, “-briga”, “-pen” e “-seg” e muitos outros, como “Coninbriga” (hoje, Coimbra), “Brigantium” (hoje, Belanzos – cidade da Galiza), “Caesobriga” (hoje, Talavera), “Augustobriga” (hoje, Ciudad Rodrigo – na Espanha), “Talabriga” (hoje, Aveiro – a cidade portuguesa do sal), Penafiel, Penalva, Penedono, penedo, penhasco, “Sigueya” (hoje, León), “Segobriga” (hoje, Segorbe), “Segisamo” (hoje, Burgos).

Mais tarde, entre 350 a 250 a.C., novos invasores, por motivos obscuros, sacodem a Península Ibérica, particularmente, na região da futura Lusitânia. Trata-se dos **iberos**, povos de origem provavelmente norte-africana e a eles se deve o nome “Península Ibérica”. Chegaram e ocuparam a região, expulsando os celtas ou conservando-os sob o seu domínio. Do processo de submissão e choque cultural, surgem os celtiberos, que seriam “iberos em território dos celtas” e não como já se pretendeu “celtas em território dos iberos”.

Da língua dos iberos são também escassas as notícias. Alguns autores, baseados principalmente em alguns elementos fornecidos pela toponímia, indicam certas terminações como procedentes da língua deste povo de origem africana: “-tanus” (Mauritanus, Aquitanus, Lusitanus), “-aura” (Olaura, Lauro), “-ippo” (Basilippo, Olisippo), “-oba” (Corduba, Ossonoba). Os prefixos “-tala” (Talabriga, Talavera, Tolosa), entre muitos outros elementos toponímicos.

Convém ressaltar o caso da presença do “a” protético (de **prótese**) no português popular ou mesmo no literário como em “alimpar”, “alevantar ou alevantar-se”, “abaixar”, “assentar” e ou-

tros, ao lado de “limpar”, “levantar”, “baixar”, “sentar”, sem de significado. Trata-se do “a” denominado pelos filólogos de ibérico, isto é, um “a” semanticamente vazio de sentido.

Vejam, agora, uma curiosidade histórico-bíblica. Na atual Baixa-Andaluzia e ao Sul de Portugal, floresceu a civilização **tartéssia** e turdetana, tanto que há notícias vastas acerca dessa fabulosa região hispânica. Diz a Bíblia que o rei hebreu Salomão (governou entre 970-933 a.C.) enviava as suas naves a Tarsis (nome bíblico para Tartessos) de onde retornavam carregadas de ouro, marfim, prata. Os **fenícios** também mantiveram relações comerciais com o Sul da Espanha. Ainda no contexto bí-



Heródoto (Fonte: <http://www.dec.ufcg.edu.br>).

Tartéssia

Região hispânica, às margens direita e esquerda do rio Bétis, cuja população, logo cedo, entrou em contato com fenícios e gregos que vinham comerciar em seu país, denominados Tartessos. Povo pacífico e muito civilizado, portanto, de fácil domínio pelos romanos.

Fenícios

Habitantes da Fenícia, região da Ásia ocidental, no Mediterrâneo, na Síria e na Palestina. Povo marítimo, dado ao comércio e à colonização, inventor do alfabeto. Falavam idioma semítico (do ramo, da família lingüística camito-semítica: relativo também aos judeus) e criaram, ao longo das costas do Mediterrâneo oriental, várias feitorias e daí chegaram à extremidade do Mediterrâneo ocidental. Numerosos vestígios lingüísticos legaram às línguas românicas como o português e o espanhol.

Profeta Isaías

Exerceu a sua atividade profética de 724 a 701 a.C., em Jerusalém.

Cartagineses

Povo originário de Cartago – cidade opulenta e belicosa da África do Norte. Há quem afirme ter sido colônia fenícia fundada por volta de 880 a.C. Eterna inimiga de Roma, destruída em 146 a.C. por Cipião Emiliano (comandante romano).



Adolfo Coelho

Filólogo, escritor e pedagogo português (1847-1919). Foi uma das figuras mais importantes da intelectualidade lusitana do final do século XIX. Escreveu *A questão do ensino*, 1872.

blico, o profeta **Isaías** também menciona as naus de Tarsis como símbolo de perfeita grandeza, e Tiro (cidade fenícia).

Estas notícias se aliam ao fato inquestionável de que os dois povos navegantes do Mediterrâneo oriental – fenícios e gregos – disputaram o predomínio da região tartéssia. A guerra que fez desaparecer as feitorias gregas na Península, varridas pelos **cartagineses**, herdeiros dos fenícios, acarretou a ruína de Tartessos.

Então, os povos que se seguem aos iberos são os fenícios, cartagineses e gregos. Entre 1200-1000 a.C., os minerais, como cobre, ouro, estanho e prata atraíram a navegação e o comércio fenícios, que se estabeleceram nas costas meridionais da Península e fundaram “Gádir”, cujo nome significava (recinto amuralhado), depois deformado pelos romanos para a forma “Gades” e, pelos árabes, para a forma “Qadis”, atualmente “Cádiz”. Daí em diante, outras colônias fenícias surgiram como: “Málaka” (Málaga), “Abdera” (hoje, Adra) e muitas outras denominações, inclusive, se diz ser de origem púnica (fenícia) o nome de “Hispania” (“span” – elemento fenício original – significava “coelho”, o que resultou em “terra de coelhos”).

Os conflitos que se sucederam, após o domínio fenício, e o próprio espaço geográfico favorável à recepção de outros povos também conquistados, chegados posteriormente, contribuíram para reduzir o vocabulário fenício à condição de elementos lexicais insignificantes.

Adolfo Coelho, um estudioso da história da língua portuguesa, se refere à palavra “barca” como pertencente ao “domínio fenício ou cartaginês”. Isto revela a própria insegurança dos pesquisadores em relação ao legado fenício às línguas peninsulares.

Também movidos pela mesma cobiça que os fenícios, não tardou muito para os cartagineses, povo fenício, chegassem, confirmassem, intensificassem e alargassem o domínio de seus antepassados asiáticos, no sul e no sudoeste da Península Ibérica. Denominações, como “Cartegena”, “Portus Hannibalis”, “Hispális” (Sevilla) Èbora”, “Barceno” (atual Barcelona), “Toledo”, “Guadiana” e muitas outras atestam batismo de povoações com léxico cartaginês.

A partir do século VII a.C., começaram a aparecer os vestígios da presença dos helenos (gregos), na região de Tartessos, levados pelo mesmo afã que moveu os fenícios e cartagineses: a riqueza da região. No entanto, a presença grega não resistiu ao poder bélico das forças cartaginesas e sucumbiu por volta de 535 a.C.

A influência da língua grega no mundo mediterrâneo passa a estender-se a partir do ano de 1000 a.C. (da Ásia Menor às costas do Mediterrâneo Hispânico). A popularidade da língua grega em Roma é um registro comum em quase todos os autores da fase imperial, portanto, não significa apenas tratar-se de um vestígio, uma herança da presença grega na Península, mas de um uso efetivo do idioma dos helenos que, por muito tempo, concedeu prestígio a quem o desfrutava.

Desse modo, não é fácil a tarefa de se estudar vestígios lingüísticos deixados no amplo espaço geográfico da Península Ibérica pelos colonos gregos. A própria ausência de registros escritos dificulta saber se a presença de vocábulos gregos no território hispânico refere-se a tempos pré-romanos ou se tais vocábulos foram recebidos através do latim, isto é, a partir da presença romana no solo peninsular.



(Fonte: <http://dadoscomum.files.wordpress.com>).

Com esta terceira aula, demonstramos, em linhas gerais, o complexo populacional da Península Ibérica pré-românica, focalizando a passagem de várias etnias pelo chão peninsular, e, conseqüentemente, indicando alguns elementos lingüísticos

CONCLUSÃO

herdados pelas línguas hispânicas por esse movimento migratório, a partir do segundo milênio antes da nossa era. Os testemunhos de vestígios lingüísticos disseminados por toda a Península remetem a várias fontes de informação, como autores da Antigüidade Clássica, a **Epigrafia**, a **Numismática**, elementos hispânicos do léxico latino e a toponímia. Neste contexto, destacam-se, primordialmente, as contribuições dos gregos, fenícios e cartagineses, não esquecendo as bases iniciais legadas pelos lígures, celtas e iberos.

RESUMO



Historiadores e filólogos afirmam que o idioma dos romanos – o latim – é uma língua que pertence à grande família lingüística indo-européia (o indo-europeu – também denominado de indo-germânico ou ariano) que se fracionou em vários ramos, entre eles, o itálico, donde provém o latim. No entanto, antes da conquista romana, diversos povos se fixaram na Península Ibérica. Os mais importantes foram: os celtas e os iberos (que deram nome à Península Ibérica, posteriormente, esses dois povos se fundem e dão origem ao povo celtibero), os gregos, os fenícios e cartagineses. Todos eles deixaram influências lingüísticas nos quatro idiomas hispânicos de origem latina: espanhol, catalão, galego e português. Celtas e iberos foram, não resta dúvida, as mais importantes populações hoje conhecidas da Hispânia pré-romana, embora lingüisticamente, como vimos, os vestígios célticos se mostrem mais notáveis em quantidade, natureza e difusão.

Epigrafia

Ciência que estuda as inscrições lapidares dos monumentos antigos.

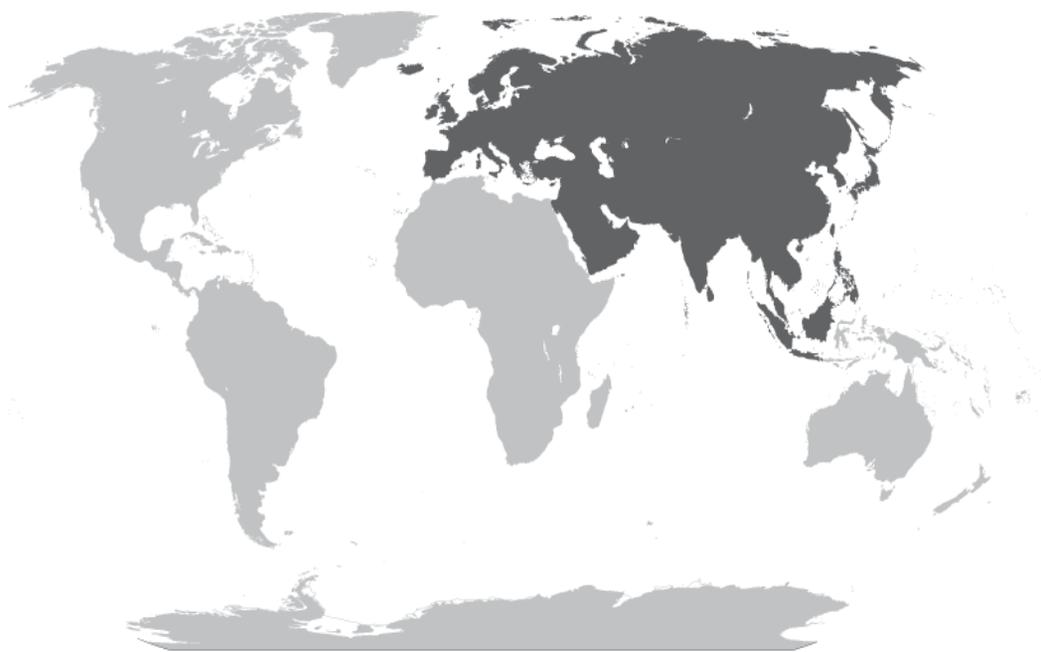
Numismática

Ciência que tem por objeto de estudo as moedas e as medalhas.



ATIVIDADES

1. Organize (elabore) um roteiro, em ordem cronológica, dos povos pré-romanos que habitaram a Península Ibérica.
2. Leia, com muita atenção, o texto desta aula, e responda: o que se pode dizer dos vestígios lingüísticos dos povos pré-romanos na Península Ibérica?
3. Veja, com cuidado, o mapa da Europa e da África mediterrânea, procure localizar bem toda a área da Península Ibérica. Visualize também toda região africana da costa mediterrânea. Depois, redija um pequeno texto sobre as razões de tantos povos antigos se interessarem por estabelecer-se na região (centrar a atenção nas regiões da Grécia, da antiga Fenícia e Cartago).



Mapa Mundi (Fonte: <http://www.arikah.net>).

AUTO-AVALIAÇÃO



1. Após esta aula, sinto-me em condições de comentar sobre aspectos da pré-história das línguas hispânicas antes da conquista romana?
 2. Qual a natureza das fontes históricas de informações sobre os vestígios lingüísticos pré-romanos na Península Ibérica?
 3. A partir das informações desta aula, demonstre a sua compreensão sobre empréstimos lingüísticos, apresentando, inclusive, novos exemplos.
-

PRÓXIMA AULA



Na aula seguinte, vamos apresentar as motivações que levaram Roma a conquistar a Península Ibérica e torná-la sua colônia e mais um espaço de expansão de sua língua: o latim.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ivo. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.